

*Cerimônia de entrega da Grã-Cruz
da Ordem Nacional do Mérito à atriz
Fernanda Montenegro*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 12 DE ABRIL DE 1999

*Senhora Ruth Cardoso; Senador Antônio Carlos; Minha querida amiga
Fernanda Montenegro; Ministros de Estado, Parlamentares, Senhor
Governador de Goiás, que nos dá a honra da companhia; Senhores
que aqui se encontram; Artistas; Senhoras e Senhores,*

É uma ousadia falar. Depois do que eu ouvi, devia apenas aplaudir, mais nada. De qualquer forma, é com muita emoção que nós a recebemos aqui, Fernanda, hoje, neste dia, expressando o que o Brasil já fez tantas vezes, mas que o governo fez questão também de expressar, para mostrar o quanto o Brasil todo se sentiu mais orgulhoso, aumentou sua auto-estima em vê-la, não agora, no Oscar, mas nisso tudo, na sua vida.

Você mesma já disse aqui que começou na Rádio MEC, muito jovem – com 15 anos. Começou como locutora, tradutora, até que foi para a estréia do Alegres canções da montanha, onde encontrou Fernando e daí resultaram Cláudio, Fernanda Torres, enfim, todos artistas. A sua trajetória é extraordinária. Aqui, diz que é autodidata.

Ao falar sobre o teatro, há pouco, você disse o que é essencial. Todo grande artista, todo grande cientista, todo grande homem ou mulher, de alguma maneira, têm que ser autodidatas. Há um momento, que é divinatório, ninguém ensina, ninguém explica como fazer. Você é isso. Ao dizer que é autodidata, está dizendo que é grande atriz.

Esses prêmios foram sendo acumulados durante, praticamente, meio século. Agora, como Dora, com *Central do Brasil* – e a expressão é sua “old lady from Ipanema” – fizeram com que – você também disse aqui – de repente fosse jogada lá para fora. Mas você é daqui. E, se não fosse daqui, poderia ser jogada para onde fosse que não tinha importância, não aparece. Ou a gente tem uma raiz ou flutua. Quando se tem raiz e se é jogado para fora, acontece essa cintilação, essa eletricidade no ar, que você representa.

Não posso, nem preciso – aqui há gente que sabe muito mais que eu – elencar tudo o que você fez, as peças que encenou desde Anouilh, Feydeau, Jorge de Andrade, Guilherme Figueiredo, Pirandello, Arthur Miller, Arthur Azevedo, Cervantes, Bernard Shaw, Molière, Martins Pena, Millôr Fernandes, Guarnieri e por aí vai, Durrenmatt, enfim, é extraordinário, Fassbinder, Racine, Adélia Prado, vai misturando Tchekov, vai misturando tradições, nomes, tudo isso. E, no teatro, Henriette Morineau, Gianni Ratto, Ziembinski, Celi, Fernando Torres, João Bittencourt. Isso me dá saudade. Porque isso tudo, em um certo momento, foi o TBC. E na minha geração, na geração da Ruth, que é bem mais moça que eu, nós assistimos, vimos isso de perto.

Cada uma dessas peças, que eu via no TBC, como depois no Teatro de Arena, tudo isso ia nos formando. A gente via, acanhadamente, de longe, o nascimento de tudo isso. Agora, vê-se que esse nascimento hoje é uma consagração. De alguma maneira, se me permite a entrada indevida na sua biografia, você faz parte da nossa biografia porque você faz parte de toda essa trajetória do teatro brasileiro. E depois, desde o tempo do Teatro Tupi, até do teatro falado pela rádio, que eu, quando menino, ouvia apaixonadamente. Depois essa coisa extraordinária que se compara ao folhetim. O que o folhetim fez na Europa, na

França, a telenovela brasileira fez aqui, faz aqui. E lá estava Fernanda Montenegro como expoente disso.

A telenovela brasileira é alguma coisa única, porque propõe modelos de vida, modelos culturais, e crítica, introduz personagens, cria atores, cria atores políticos – atores no sentido não de pessoas, mas de grupos que são legitimados pela telenovela. Tudo isso é algo extraordinário. E, mais adiante, o cinema. *A falecida*, de Nelson Rodrigues, *Eles não usam black-tie*, de Leon Hirszman. Leon foi meu amigo. Quando estávamos no Chile, eu tinha feito uma série de estudos, aqui no Brasil, sobre Marx. Tínhamos o famoso – Ruth participou disso também – círculo de estudos do *Capital* e da história crítica da mais-valia. São enormes volumes que pouca gente lê. Nós lemos todos, todos os volumes.

Então, quando chegamos ao Chile, o Leon, que era outra pessoa extraordinária, quis reconstituir, e nós discutíamos a teoria da mais-valia, cinema, eu não era capaz de entender, mas, aquelas coisas, eu sabia mais ou menos. Toda essa questão, todo esse momento do cinema e aí está o Nelson Pereira dos Santos. Quando éramos adolescentes, eu não imaginei que ele fosse ser o que ele é hoje. Ele talvez não imaginasse que eu, um dia, fosse Presidente. Mas não imaginávamos sequer que fosse possível fazer cinema, o Cinema Novo. Isso tudo de alguma maneira faz parte do Brasil, é todo um acrescentamento da história de cada um de nós. Mas cada brasileiro que viveu esse momento é grato a vocês.

Os prêmios são tantos, e vão continuar sendo. Eu ia até citar algum, para quê? Todo mundo sabe. Acabei de saber, agora, que o *Central do Brasil* recebeu mais um prêmio. Agora, recentemente, nesse fim de semana, na Inglaterra. Ela vai continuar recebendo prêmios. Então, tudo isso faz as indicações do *Central do Brasil*, para Urso de Prata, melhor atriz, indicação para o Oscar, indicação no festival de cinema de Havana, críticos de Los Angeles, e por aí vai, mostrando a riqueza da nossa cultura, a trajetória de vocês. Estamos aqui falando da Fernanda Montenegro, que simboliza tudo isso, *Central do Brasil* do Waltinho Moreira Salles, mas há

uma história. Aqui está o Luiz Carlos Barreto, que faz parte dessa história. E nós tivemos já o Anselmo Duarte, no *Pagador de promessas*, *O Cangaceiro*. Todos os dois foram indicação em Cannes.

Depois, tivemos o Glauber Rocha. Meu Deus, é outro monumento. Monumento não se aplica ao Glauber, é essa chama viva do Brasil. Depois, todos esses que foram citados, ganhando prêmios em Veneza. De novo *O Dragão da maldade*, do Glauber, *Eles não usam black-tie*. E, mais recentemente, neste momento novo do cinema, que não é o Cinema Novo, mas é um novo momento do cinema.

Outra vez, nós todos, com uma grande satisfação, estamos vendo a força de tudo isso. *Vidas secas*, do Nelson, foi de novo apresentado pela Sight and Sound com uma menção toda especial. E *O quatrilho*, que vimos, com tanta emoção. E *O que é isso, companheiro?*, também do Bruno Barreto. E lá no *que isso, companheiro?* – deixem-me tomar mais um pedacinho da história que não é minha – o Pedro Cardoso é meu primo, uma partezinha do sangue. Tenho um outro primo que é cineasta, o Ivan Cardoso. E tenho uma dor tremenda de saudade de não poder ser. Nunca consegui nem cantar, nem ser ator, nem ir para o cinema. Acabei político. Mas não poderia deixar de dizer que tudo isso é alguma coisa que, realmente, faz de todos nós, brasileiros, muito próximos a vocês todos, mas muito especialmente a você, Fernanda Montenegro.

Se nós estivéssemos na Inglaterra – ainda bem que não estamos –, você seria *Dame*, seria *Lady*. Não vale a pena. É melhor ser o que você é, do jeito que você é, como você disse, como você faz aqui, nesses filmes, com essa espontaneidade, com essa força extraordinária, com um talento incrível e com simplicidade.

Li, recentemente, uma entrevista sua, no *Jornal do Brasil*, que me deixou comovido e entusiasmado. Porque é difícil dizer coisas de profundidade, de sensibilidade, sendo quem você é, com simplicidade. E já que eu, outro dia, participei da Semana dos Idosos, eu estou nela, é bonito ver as pessoas que não envelhecem. E não me refiro só fisicamente, mas no espírito. Fernanda Montenegro não envelhece.

Revi, agora, essas cenas todas, aqui, a força incrível, sua capacidade de expressão teatral. Você é qualquer coisa que quiser. Representa o que você quiser. Mas aqui, quero dizer, também, que ela representa todos nós.

Queria pedir permissão para lhe dar a Ordem Nacional do Mérito, na condição de Grã-Cruz. A Ordem Nacional do Mérito é a continuação da Ordem da Rosa, que é a mais antiga tradição portuguesa.

O Brasil tem muitas medalhas, talvez demais, mas não essa. A Ordem Nacional do Mérito é dada com muita parcimônia. Só o Presidente pode dá-la, e com muita parcimônia. Isso é o mínimo que eu podia fazer, e, como te conheço, peço que receba essa homenagem, essa medalha, essa condição de membro da Ordem Nacional do Mérito. Ao personificar em você o reconhecimento do Brasil pelas nossas artes, pelo cinema, pelo teatro, que ela seja também uma expressão que se estende a todos: ao Waltinho, que dirigiu *Central do Brasil*, a todos que trabalharam, ao Vinícius, aos que foram apontados para o Oscar antes, aos que merecem, por mil razões, receber também a gratidão do nosso país.

Aproveito para anunciar que o Ministério da Cultura fará, a partir do segundo semestre deste ano e todos os anos – eu ia dizer o nosso Oscar, mas eu não gosto –, a nossa festa. Nós queremos fazer uma festa para que, nas várias categorias de cinema, possamos aqui, com muito orgulho, a cada ano, estar homenageando os nossos melhores artistas, roteiristas, cinegrafistas, diretores. E daquela maneira como foi vista aqui, há pouco, que não se sabe se estão num banho, botando o bolo um na cara do outro, fazendo o quê, mas um grande momento de emoção em que as pessoas se encontram, física e espiritualmente.

Hoje, mais modestamente, mas com muita satisfação, eu lhe dou a mais alta condecoração que um brasileiro pode receber do Presidente da República.

Muito obrigado.